

ARQUEOLOGIA NO ENSINO DE HISTÓRIA: SIMULAÇÃO DE ESCAVAÇÃO NO PÁTIO DA EECIM MARÇAL DE SOUZA TUPÃ-Y

Luciano Alonso Justino. UFMS.

prof.lucianoalonso42@gmail.com

Eixo Temático: Ensino e Pesquisa de História.

Considerações iniciais

Como um professor/historiador que se identifica e trabalha com cultura material no Ensino de História dentro de uma perspectiva de Educação Científica, a ideia de simular uma escavação arqueológica com alunos do 7º e 8º anos do Ensino Fundamental, como pano de fundo para tratar de temas como Patrimônio Histórico, Interculturalidade e História Regional ao mesmo tempo em que se desenrola uma atividade lúdico didática me pareceu tentadora e natural.

A aproximação da data de 19 de agosto, dia do historiador, o desenrolar da 15ª Primavera dos Museus com programação relacionada nos dias próximos e o apoio da direção/coordenação da escola também contribuíram para a motivação necessária para desenvolver e concretizar o projeto.

O Museu de Arqueologia da UFMS, com o qual eventualmente colaboro com projetos e interações, possui um belo acervo arqueológico e etnográfico e se esforça no sentido de atender a comunidade de forma geral e as escolas da região. Portanto foi realizado contato institucional via internet para agendamento de atendimento remoto onde os profissionais do museu atenderiam as turmas no dia da atividade na escola. Confirmado o atendimento remoto do museu para a data e hora da atividade na escola com antecedência, deu-se prosseguimento aos preparativos para a atividade.

A proposta da atividade teve como principal objetivo despertar o interesse e a curiosidade científica nos pequenos ao mesmo tempo em incute neles a valorização do patrimônio histórico regional de maneira agradável e lúdica objetivando uma Aprendizagem Significativa.

Fundamentação teórica

O autor deste relato de experiência postula que aulas meramente expositivas não cabem mais no modelo atual de ensino/aprendizagem proposto pela BNCC, mas que aulas expositivo-dialogadas sim são factíveis e não contrariam o modelo de ensino/aprendizagem atualmente concebido. Nesta modalidade de aula, o professor expõe os conteúdos, media o processo de aprendizagem, mas deixa espaço para a participação e protagonismo do aluno, através de momentos onde os mesmos são incentivados a falar, fazer, investigar e apresentar.

Lopes (2012, p. 30) nos dá uma definição clara sobre a aula expositiva dialogada:

[...] pode ser descrita como uma exposição de conceitos, com a participação ativa dos alunos, onde o conhecimento prévio é extremamente importante, devendo ser considerado este o ponto de partida. O professor leva os alunos a questionarem, discutirem, interpretarem o objeto de estudo com as situações das realidades que podem ser levantadas pelos alunos. O diálogo deve ser a ferramenta chave desta estratégia, favorecendo a análise crítica, a produção de novos conhecimentos e propondo aos alunos a superação da passividade e da falta de mobilidade intelectual.

Realizar a mediação entre o conhecimento científico e os saberes prévios dos alunos é, portanto, essencial nessa modalidade de ensino/aprendizagem.

Já sobre a aula expositiva no seu aspecto tradicional e não dialógico, Santos (2019, p. 52-67) diz:

A aula expositiva é o procedimento pedagógico mais universalizado que se tem registro. Em todas as modalidades de ensino, em todos os níveis de Educação, em

qualquer tipo de curso ela é se faz presente (JESUS, 2017). Seu nascimento remonta ao século final do XVII, no início do processo de escolarização da sociedade Ocidental. No decurso de três séculos sua valia, eficácia e importância pedagógica são indiscutíveis. Contudo, sua trajetória notabilizou-se pelos aspectos negativos. É caracterizada como uma técnica tradicional, em que o professor é o centro da situação e o aluno tem função passiva – é receptivo. Favorece posturas autoritárias e o verbalismo. É comum seu uso exclusivo, constante e mecânico. O predomínio da aula expositiva é uma constante em muitas práticas pedagógicas.

Confrontando teoria e prática pedagógica, diante de um mundo em transformação que caminha cada vez mais para o digital e o virtual, inclusive com as modalidades de Realidade Virtual e Realidade Aumentada, percebemos a necessidade imperiosa de tornar as aulas mais atraentes e providas de significado, pois a concorrência com os games e distrações é enorme. Soma-se a isto o fato de que nossa mente facilmente se perde no enorme fluxo de informações a que somos submetidos diuturnamente.

De modo algum estamos dizendo que as aulas expositivas não servem mais. O que queremos dizer é que a aula expositiva precisa ser dialogada, a fim de fazer sentido na conjuntura atual. Práticas de educação patrimonial e museologia certamente contribuem nesse sentido. Sugerimos que o professor pode e deve incluir no seu planejamento além de aula dialogada, aulas-oficinas e atividades do tipo PBL, a saber: Aprendizagem Baseada em Problemas, ou ainda Aprendizagem Baseada em Problemas e Organizadas em Projetos. A atividade descrita no presente relato se refere a uma dessas noções.

Certamente não se trata de atividades que se podem realizar todo dia, mas são perfeitamente possíveis de serem programadas com antecedência e realizadas com a participação dos alunos inclusive na fase de planejamento da atividade. Isto se pode dar oferecendo aos alunos a oportunidade de escolha entre duas ou três opções previamente planejadas. Ou de ao ouvi-los adotar alguma sugestão não pensada antes, mas que seja viável e proveitosa ao grupo.

Sobre a dialogicidade na pedagogia freireana, Gomes, Guerra (2020, p. 4) dizem:

É parte indispensável do trabalho docente instigar os alunos a problematizar os conhecimentos adquiridos, relacionando o saber teórico ao contexto social. O ensino crítico dos conteúdos exige que o educador valorize as experiências prévias dos estudantes, desenvolvendo, assim, a visão crítica da realidade. Nessa relação

pedagógica, docente e discente devem caminhar juntos rumo a um universo de conhecimento a ser explorado.

O trecho acima retrata bem o chamado protagonismo do aluno defendido pela nova BNCC.

Relato de Experiência

Com a aproximação da 15ª Primavera dos Museus e o dia do historiador, e após formações da SED nas quais se recomendavam novas e diferenciadas práticas de ensino/aprendizagem que envolvessem os estudantes e utilizassem novas tecnologias e o protagonismo do aluno, o professor (autor) comunicou à direção e coordenação o interesse em desenvolver uma atividade relacionada. Tal comunicação surtiu efeito imediato no sentido de viabilizar a realização da atividade.

Ao comunicar ao diretor e coordenadores a ideia de realizar a atividade relacionada com patrimônio histórico/cultural na qual se utilizaria Metodologias Ativas de Aprendizagem, conforme previsto e recomendado pela BNCC. O diretor Ademir Júnior e a coordenadora Edinéia, bem como o diretor adjunto Marcos e o coordenador Breno receberam a proposta com boa vontade e até algum entusiasmo.

Previamente, em sala de aula, o professor de História comunicou aos alunos das turmas do sétimo e oitavo ano que nas próximas aulas haveria esta atividade extraclasse e explicou a eles como se daria a atividade. Nos dias seguintes e anteriores a atividade, durante os horários de planejamento na escola, o espaço onde a mesma seria realizada foi preparado pelo professor com a anuência e colaboração da direção e a coordenação da escola. Durante o tempo de preparação dos materiais o professor recebeu apoio dos funcionários da escola, direção e coordenação incentivaram a atividade e realizavam registro fotográfico também, além de oferecer ajuda no transporte de materiais, entre outras coisas. Os alunos desconheciam o que seria realizado no terreno imaginavam se tratar da construção de uma horta no local, e para não estragar a surpresa, foi mantido segredo até o último momento ainda que alguns estudantes já começassem a perceber que não se tratava de uma horta. A curiosidade deles estava despertada. Enfim no dia em que a atividade seria realizada foram adicionados todos os demais elementos que caracterizaram a área como um sítio arqueológico e uma escavação.



Figura 1: Área preparada pelo autor para atividade didática no pátio da Escola Estadual Cívico-Militar Marçal de Souza Tupã-Y localizada no Jd. Los Angeles, em Campo Grande-MS.

Execução da atividade

Já na quinta-feira, dia 19 de agosto de 2021, na turma do 7º Ano B, logo no início da aula, o professor usando a lousa fez explicações básicas sobre Patrimônio Histórico / Cultural, diferenciando cultura material e imaterial. Explicando brevemente a importância das fontes históricas e os tipos de fontes que existem. Após esse momento inicial seguiu-se um rápido diálogo com os alunos sobre questões levantadas por eles em um modelo do que é conhecido como **aula expositiva-dialogada**, que precedeu a atividade lúdico pedagógica no pátio.

Seguiu-se a isso o convite para sair da sala de aula e se dirigirem ao local da “escavação” previamente preparado pelo professor. O que se deu de forma organizada, com apoio de monitores militares que atuam na supracitada escola.

Como se tratava de uma atividade no pátio a conexão usada para o atendimento do Museu de Arqueologia da UFMS se deu através do aparelho celular ao invés de notebook e foi utilizado o Google Meet para o atendimento. Atendimento que foi realizado pela diretora atual do MuArq, a antropóloga Laura Pael. Após as saudações ao grupo de alunos e ao professor, a antropóloga Laura mostrou o interior do museu explicando cada material que mostrava em sequência, indo de uma dependência a outra e continuando as explicações. Ao final pediu que os alunos fizessem perguntas. Os alunos do 7º Ano se mostraram tímidos, mas a aluna Maria Izadora empolgada, pediu a palavra e perguntou, usando suas próprias palavras e com um pouco de nervosismo, qual era o tipo de material que os arqueólogos mais encontram aqui no Mato Grosso do Sul e quão antigo era esse material. Ao que a antropóloga que possui experiência e formação em Arqueologia respondeu dizendo que o material que mais é encontrado em Mato Grosso do Sul é a cerâmica, associada a povos agricultores antepassados dos indígenas, mas o mais antigo é a pedra lascada, que chega a ter mais de 12 mil anos e é associada com os grupos de caçadores coletores que viveram muito antes dos indígenas. Todos os alunos presentes acompanharam o atendimento e após isso como não houberam mais perguntas a antropóloga Laura se despediu da turma e do professor para encerrar o atendimento. Todos se despediram e agradeceram o atendimento e o professor orientou-os a procurar por artefatos no sítio arqueológico simulado no pátio.



Figuras 3: professor explicando sobre procedimentos de escavação arqueológica aos alunos do 7º Ano B.



Figuras 4 e 5: materiais paradidáticos confeccionados e ou colecionados pelo professor para ensino e pesquisa e utilizados na atividade; alunos escavando e outros lendo material explicativo sobre Patrimônio Histórico e camadas estratigráficas.

O Prof. Dr. Jorge Antonio Dias (CPDOC/FGV), historiador, que também lecionava a disciplina de História naquela unidade escolar em 2021, no período em que foi desenvolvida essa atividade, diz:

O ensino de História como ciência não se prende às amarras de conteúdos pré-estabelecidos. A curiosidade e a busca por novos saberes devem ser incentivadas em todos os estágios do processo de ensino-aprendizagem! É assim que os homens em seu sentido universal buscam sentido para sua vida presente e vindoura! Sem, contudo, desvalorizar as diferentes percepções do passado!

Breno, coordenador pedagógico da unidade escolar, a respeito da atividade: “O trabalho desenvolvido na unidade escolar foi de suma importância, o professor conseguiu aproximar a arqueologia de forma clara, objetiva e cotidiano, com fácil entendimento para nossos educandos.”

A aventura

Após as recomendações aos alunos de como proceder, a escavação é liberada e eles devem procurar por artefatos de pedra lascada ou polida ou cerâmica. O fato é que realmente haviam artefatos escondidos dentro da terra, se tratavam de réplicas confeccionadas pelo professor e autor desse relato. Em muitos países pessoas praticam o lascamento de pedra como hobby, mas é também uma atividade importante para a ciência com o nome de Arqueologia Experimental, útil para ajudar a entender processos das diferentes indústrias líticas, em suas especificidades. Em alguns casos são importantes para se chegar a determinadas conclusões que de outro modo não seriam possíveis.



Figura 2: Alunos do 7º Ano B em plena atividade lúdica pedagógica de escavação arqueológica no pátio da Escola Estadual Civil-Militar Marçal de Souza Tupã-Y, situada no Jd. Los Angeles, em Campo Grande-MS. (foto do autor).

A medida em que os pequenos iam encontrando artefatos escondidos na terra, o professor os indagava que tipo de material era, quantos mil anos poderia ter baseando-se no tipo do artefato e eles se esforçavam para responder baseado no haviam aprendido previamente nas aulas ou nas explicações prévias, antes da escavação. Era uma forma de fixar os conteúdos da aprendizagem.

Quase sempre a descoberta de algum artefato era acompanhada de alegria pelo aluno e comentários dos que acompanhavam. A atividade prática era entendida como uma brincadeira pelos estudantes, pois significava uma aventura e uma coisa nova. Entretanto o professor mediava o tempo todo e conduzia de forma que fizesse sentido e houvesse relação o tempo todo com os conteúdos e a aprendizagem envolvida.

No mesmo dia também foram explicados em linguagem simples, adequada à faixa etária dos alunos, a respeito da legislação brasileira referente ao solo. Sobre que o IPHAN é o órgão responsável pela preservação do patrimônio histórico e artístico nacional, que os museus são instituições que fazem a salvaguarda dos materiais encontrados, além de realizarem pesquisa e a conservação desses materiais.

Conclusões

A experiência mostra que esse ato de envolver os estudantes em atividades práticas e ademais deixando-os participar da fase de planejamento da atividade é um fator que tende a contribuir para o engajamento e a motivação da turma, e que tal motivação certamente se reflete na qualidade da aprendizagem, pois a motivação intrínseca relaciona-se com a memória de longa duração e a Aprendizagem Significativa. Foi observado que as turmas que não participaram da atividade, mas não puderam deixar de observar por estar no pátio da escola, cobraram do professor que a mesma fosse realizada com as classes deles. Por motivos de planejamento, calendário e rotina escolar não foi possível realizar a atividade com todas as turmas que desejavam, mas o fato deles a desejarem sugere que há interesse neste tipo de abordagem pedagógica.

Do ponto de vista crítico devemos dizer que os alunos tendem a se interessar por quaisquer atividades extraclasse, pois se sentem presos à sala de aula e ao cumprimento dos horários no ambiente formal da escola. Nesse sentido sempre estão dispostos a qualquer atividade fora das

paredes da sala de aula. Portanto o professor deve estar atento e exigir empenho na atividade programada não permitindo desvio de finalidade. Afinal, não se trata de um passeio no pátio. A atividade ainda que tenha também um caráter lúdico precisa de atenção e envolvimento em todas as etapas e, finalizada a mesma, o ideal é que se tenha realizado registros dela e que seja realizado posteriormente algum tipo de avaliação da aprendizagem relacionada àquela atividade específica.

Referências

ANACLETO, A.; MICHEL. S. A.; OTTO, J. **Cinema e Home Vídeo Entertainment: o mercado da magia e a magia do mercado.** Np. 2007.

Coimbra, C. L. (2016). A aula expositiva dialogada em uma perspectiva freireana. Anais do III Congresso Nacional de Formação de Professores (cnfp) e XIII Congresso Estadual Paulista Sobre Formação de Educadores (cepfe), 3(04):1–13.

LOPES, Tânia Oliveira. Aula expositiva dialogada e aula simulada: comparação entre estratégias de ensino na graduação em enfermagem. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, 2012.

Santos, Paulo Rodrigues dos. PRÁTICA E TÉCNICAS DE ENSINO: ALTERIDADE EM SALA DE AULA. GEOPAUTA, vol. 3, núm. 2, 2019, -, pp. 52-67. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Brasil. DOI: <https://doi.org/10.22481/rg.v3i2.5819>